

**CARTA A ZÉ DO CAFEZINHO: AUTOBIOGRAFIA FICCIONAL
EM PERFORMANCE**

**LETTER TO ZÉ DO CAFEZINHO: FICTIONAL AUTOBIOGRAPHY
IN PERFORMANCE**

José Mário Peixoto Santos / UnB

RESUMO

Zé do Cafezinho é um heterônimo performático e o destinatário deste texto redigido em forma de carta. A escrita epistolar é usada como um meio de friccionar as fronteiras entre performances de rua, autobiografia, autoficção e iteração. Ao longo do texto, arte e vida se confundem numa interlocução onde as noções de sujeito e objeto da arte são poeticamente redimensionadas. Dessa maneira, a busca pelo autoconhecimento/conhecimento do outro (o colega artista e o público nas ruas) é configurada a cada parágrafo.

PALAVRAS-CHAVE: Autobiografia; Autoficção; Performances de rua; Carta; Iteração.

ABSTRACT

Zé do Cafezinho is a performative heteronymous and the receptor of this text written as a letter. The epistolar writing is used as a way of rubbing borders between street performances, autobiography, autofiction and iteration. Throughout the text, art and life are mixed in an interconnection where notions of subject and object of the art are resized poetically. In this way, the searching for self-knowledge/knowledge of the other (the other artist and the public on the streets) is configured in each paragraph.

KEYWORDS: *Autobiography; Autofiction; Street Performances; Letter; Iteration.*

Brasília-DF, 25 de maio de 2018 (1)

Criei em mim várias personalidades. Crio personalidades constantemente. Cada sonho meu é imediatamente, logo ao aparecer sonhado, encarnado numa outra pessoa, que passa a sonhá-lo, e eu não.

Alberto Caeiro, heterônimo do poeta Fernando Pessoa.
Agora, entre meu ser e o ser alheio
a linha de fronteira se rompeu.
Waly Salomão.

Caro amigo Zé do Cafezinho,

Desde aquele momento em que nos conhecemos na Rodoviária do Plano Piloto, no Setor do Cafezinho Norte Sul SCNS, desejo escrever para você. Agora, pretendo escrever de maneira outra como se o meu texto apresentasse uma tessitura de fios que compõem uma escrita poética entre a arte e a vida.

Sei que você optou por viver ali, nas ruas, após ter recebido uma educação outra, na academia, nos cursos de sociologia, antropologia e artes. Ainda lembro dos versos de um poema onde você se apresenta: “Quando nasci, um anjo bêbado desses que vivem procurando diamantes nas pedras adormecidas de Iगतu sussurrou no meu ouvido: – Vai Zé, fazedor de cafezinho, carregar xícaras na vida! (...)”. Assim você principia o texto como literatura de cordel intitulado *A Arte-vida de Zé Cafezinho de Iगतu: uma estória feita de café e água boa* (2) como desdobramento poético de seu café, não é mesmo? As imagens apresentadas ali extrapolam o universo autobiográfico, estabelecendo fronteiras entre literatura de cordel, corpo, paisagem rural e ação poética com o uso do café. Encontrar você, amigo Zé do Cafezinho, é recordar de tantos outros conhecidos como Zé, até mesmo daqueles pejorativamente apelidados como Zé Mané, Zé Povinho, Zé Ninguém. A propósito, você conhece a *Elegia de Seo Antônio Ninguém* (2010) – apresentada em versos pelo poeta mato-grossense Manoel de Barros?

Sou um sujeito desacontecido
Rolando borra abaixo como bosta de cobra.
Fui relatado no capítulo da borra.
Em aba de chapéu velho só nasce flor taciturna.
Tudo é noite no meu canto.
(Tinha a voz encostada no escuro. Falava putamente.)
Estou sem eternidades.

Não tenho mais cupidez.
Ando cheio de lodo pelas juntas como velhos navios
nafragados.
Não sirvo mais para pessoa.
Sou uma ruína concupiscente.
Crescem ortigas sobre meus ombros.
Nascem goteiras por todo canto.
Entram morcegos aranhas gafanhotos na minha alma.
Nos lepramentos dos rebocos dormem baratas torvas.
Falo sem alamares.
Meu olhar tem odor de extinção.
Tenho abandonos por dentro e por fora.
Meu desnome é Antônio Ninguém.
Eu pareço com nada parecido.

Desde a primeira vez e nos outros encontros que se seguiram, convidado por você, venho acompanhando seu serviço de cafezinho de tão perto, de tão longe como aquele ser alado, no filme de Wim Wenders, pairando *Tão longe, Tão perto (3)* para observar. Fico ali, atento, enquanto você passa. Noto quando alguém solicita seu cafezinho e a surpresa deste ao perceber que o café não está à venda, é distribuído gratuitamente. O olhar de desconfiança das pessoas diante de tal constatação é flagrante. O que elas pensam disso? O que você pensa também? Elas somente “confiam” naqueles que vendem/compram e naquilo que é vendido/comprado? Como se não existisse mais espaço para a doação, a troca, o afeto, nos nossos dias. Percebi, desde o início, que o serviço do cafezinho é uma vontade de estar com o outro (“cultural e/ou étnico”), de conversar, e assim compor uma outra narrativa do eu, do eu com o outro, como uma construção de intersubjetividades em constante devir. Observe o que o autor Hal Foster, lido recentemente, diz sobre esse outro:

[...] O que pretendo é propor que na arte de ponta de esquerda surgiu um novo paradigma estruturalmente semelhante ao antigo modelo do ‘autor como produtor’: o artista como etnógrafo (...). Nesse novo paradigma, o objeto da contestação ainda é em grande medida a instituição de arte capitalista-burguesa (o museu, a academia, o mercado e a mídia), suas definições excludentes de arte e artista, identidade e comunidade. Mas o sujeito da associação mudou: é o outro cultural e/ou étnico, em nome de quem o artista engajado mais frequentemente luta. Apesar de sutil, esse desvio de um sujeito definido em termos de relação econômica para um sujeito definido em termos de identidade cultural é significativo [...]” (FOSTER, 2014, p.161) (4).

O dia em que o vi com seus instrumentos de trabalho (um tipo de caixa/maleta de madeira com um rótulo “OFERTA. CAFÉ GRÁTIS”, duas garrafas térmicas nas cores verde e rosa – numa referência à Escola de Samba Mangueira, favorita do artista Hélio Oiticica – e copos descartáveis) não me sai da memória. Veja a fotografia que encaminho anexada a esta carta (Figura 1). Mesmo sabendo que você já não se importe nem busque o registro em fotos e vídeos dessa sua ação, tomei a liberdade de fotografar seu “arsenal do café”. Enquanto artista visual e performático, sigo me questionado sobre a preponderância do “olho-olhar” na apreensão da tal “realidade”. E o que falar da tentativa de captura do efêmero, através de registros videográficos de uma ação performática, do tempo passado, do que já passou?



Figura 1: Caixa de madeira com o cafezinho do Zé do Cafezinho, 2015.
 Foto autorizada para publicação: Arthur Scovino.

Caro amigo, devo lhe confessar que, no início de minha trajetória artística, nas produções de ações e performances, o fotógrafo foi eleito meu companheiro inseparável. Ele estava sempre ali, ao meu lado, à minha frente, tentando traduzir em imagens meu corpo em relação com o outro, nos diversos espaços da cidade (muitas vezes, em galerias e museus, e, muito raramente, nos espaços das artes cênicas como teatros, palcos de dança, set de cinema etc.). Como criador de imagens em performance, nunca me percebi como um artista cênico, dos palcos, em

busca de aplausos ao final de cada apresentação. Criar performances, para mim, é como desenhar uma ideia, fazer rascunhos, *croquis*, pincelar sobre a tela. E, finalmente, exibir o resultado imagético tendo como suporte o próprio corpo. Apesar de ter frequentado algumas aulas de teatro, não percebo meu corpo performático como originado do universo cênico, dramático, nunca o percebi assim. Naquela primeira conversa, lhe falei que meu objeto de pesquisa não está associado à busca de outras formas de documentação da performance, mas a performance como arte do encontro, relação, construção de intersubjetividades nas encruzilhadas do eu com o outro. Dessa maneira, a presença do fotógrafo/*videomaker* já não cabe nesse momento da pesquisa. O que me importa é a aproximação a esse “outro”. Daí minha decisão pelo abandono de todo e qualquer registro em fotos e vídeos durante a *iteração* com o outro, nas ruas, – o que você já deixou para trás, na sua vivência com o cafezinho, na Rodoviária. Ao apresentar o termo *iteração*, comungo com o pensamento do Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos, de Brasília-DF, quando declara que *iteragir*, durante a fruição da arte, é ir além da interação, é explorar fronteiras ainda desconhecidas na relação artista – obra – público. Note esta declaração:

[...] Deleuze e Guattari, assim como Derrida, se referem ao conceito de “iteração”: conceito mais amplo e aberto do que o de “interação”. Na interação, caminho por caminhos preestabelecidos pelos conceituadores do projeto, da obra, da performance. Videogames são interativos: os interatores percorrem caminhos previstos, navegam, mas não criam, não modificam, não são participantes, nem parte da proposta. A participação iterativa é co-laborativa, co-laborativa, prevê a participação ativa do ex-espectador, tornado iterator. Há possibilidade de modificação da proposta artística pelo iterator. Arte que vai para a rua, se distrai e caminha como os errantes, aceita a iteração. Esta não tem percurso nem roteiro. Se o tiver o perde. Aberta ao público capaz de palavra, ação, particip-ação, iteração (BRITES; MEDEIROS, 2017) (5).

Não sei por quanto tempo você ficou ali, talvez, durante uma, duas horas, passando de um lado a outro, aguardando alguém solicitar seu cafezinho. Admiro sua atitude de não interpelar os transeuntes muito menos clamar por atenção, aos berros, para seu cafezinho. Quando o vi passar, simplesmente, o chamei para comprar um café. Quando você informou que o cafezinho estava sendo distribuído gratuitamente, fiquei ainda mais intrigado. Antes de tomar o primeiro gole, passei a me questionar:

– Isto é um tipo de ação beneficente? É performance? Arte relacional? E agora volto a perguntar nesta carta: como você descreveria essa ação com o cafezinho?

Da segunda vez, o encontrei na Rodoviária em meio a diversos protestos. Como não ser tocado diante da situação política atual? Encontrei no seu cafezinho um momento de pausa diante da pressão sofrida durante aqueles dias de protestos, além de um alívio para a garganta que não parava de bradar palavras de ordem. Tomar seu cafezinho e conversar sobre tudo aquilo que se passava foi, também, um ato político: “microcafé” como micropolítica. Um momento de desabafo e confabulação na busca de estratégias de combate e sobrevivência. Viva o Cafezinho do Zé! Um cafezinho onde a política se dá no dia a dia daqueles que passam e deixam rastros das suas vivências, do seu estar no mundo, no cotidiano das cidades, onde o fazer política se dá a cada gole, a cada bate papo. Em tempos de internet, redes sociais e amigos virtuais, subversão é tomar um cafezinho quente, nas ruas: fórmula explosiva. Agora compreendo sua necessidade de estar nos espaços da cidade, pelo menos, uma vez a cada mês com o cafezinho.

Zé, não entendi muito bem o que a ambulante fazia com seu café, naquela tarde, em frente à livraria da Rodoviária. Você ficou ali, calado, com sua garrafa térmica e copos descartáveis dispostos sobre uma toalha enquanto ela “gerenciava” seu café. Foi isso mesmo o que ocorreu? Apenas notava a vendedora convidar os passantes para provar um “cafezinho grátis”, como um “brinde”, pela compra da mercadoria dela e dos demais. Amigo, seu cafezinho foi terceirizado.

No mês passado, transitando pelas quadras e entrequadras, antes de chegar até você, fui abordado por devotos de uma tal “Santa da Purificação da Carne”. Eles me deram uma fotografia de um dos seguidores, despido, com uma caneca nas mãos. Veja esta outra fotografia (Figura 2). Pareceu-me inconcebível que, na atualidade, existam adoradores de uma deusa antropófaga (eles se autodenominam como “A Tribo dos Homens de Óculos Escuros”). Desculpe-me pelo que vou expressar: é bem possível que os usuários da Rodoviária, também, o considerem como um desajustado por estar ali, servindo cafezinho gratuito a quem solicitar, como uma oferta a quem desejar. Coincidentemente, os devotos da santa Juraçu a reverenciam com libações de café quente – foi o que me contaram.



Figura 2: Integrante da Tribo dos Homens de Óculos Escuros (Ver documentário Juraçu. Disponível em: <https://vimeo.com/172044717>. Acesso em: 16 maio 2018), 2016. Foto autorizada para publicação: Bruno Corte Real.

De agora em diante, lembrar das conversas com Zé do Cafezinho será como lembrar desta declaração do artista francês Marcel Duchamp a Pierre Cabanne, após décadas de produção artística: “Levo, realmente, uma vida de garçom de café” (6). No mais, fica o desejo de seguir seus passos nesse projeto de rua, de vida, onde o cafezinho se apresenta como elo entre você e o outro, os outros. Tantos anônimos que passam ou perambulam pela Rodoviária do Plano Piloto: ambulantes, donas de casa, *skatistas*, policiais, performáticos, artesãos, executivos, traficantes e usuários de variadas substâncias, militantes de causas diversas e/ou perdidas, maltrapilhos, funcionários da limpeza, pregadores de todas as religiões, Dona Maria – A Mulher de Vermelho –, como eu a chamo, entre outros.

E, finalmente, neste exato momento em que tento escrever sobre o que é mais íntimo – em resposta à sua indagação acerca da minha identidade (7) –, a tinta estancou sobre a folha de papel pautado...

Com admiração,

ZMário.

P.S.:

Meu caro, oportunamente, escreverei sobre a minha pessoa. De onde venho, qual a minha formação e o porquê desse interesse pela sua performance nas ruas.

Brasília-DF, 15 de julho de 2018

[...] memory is a subjective form of evidence, not externally verifiable;
rather, it is asserted on the subject's authority.
Smith & Watson.

Caro ZMário,

Minha história é “terra onde ninguém passeia”. Ela principia muito antes daquela outra história de cordel que te contei.

Já nos tempos áureos do ORKUT, me identificava profissionalmente nessa rede social como vendedor de cafezinho da Praça da Piedade, Salvador, Bahia. Café a R\$ 0,50 e performance com preço a combinar (mantenho um “perfil performático”: Zé do Cafezinho, no Facebook (8), onde publico algum material referente às minhas passagens pela Rodoviária do Plano Piloto de Brasília-DF). Dessa forma, meu cafezinho estava sendo preparado em ambiente virtual para, em alguns meses, ser virtualmente degustado durante a implosão do Estádio da Fonte Nova, nessa mesma cidade. Digo “virtualmente degustado”, pois, nesse primeiro momento em que fui às ruas com os utensílios para a feitura da bebida, não levei o pó de café para ser transmutado no líquido estimulante tão apreciado pelo brasileiro. Logo, tudo foi produzido como ensaio, estudo, experimentação, representação do que viria a se tornar o verdadeiro (?) e puro cafezinho do Zé. Performance para uns; intervenção urbana para outros; *arte relacional* (9) para os artistas; ação beneficente para os transeuntes, protesto etc. Apenas um café? Um cafezinho!

Durante minha ação com o cafezinho pelas ruas e praças de algumas cidades do Brasil e, principalmente, em Salvador, Bahia, registrei em fotografias e vídeos o que pude: as pessoas e os utensílios. Registrei chegadas e partidas, goles de cafés com açúcar ou adoçante, café amargo, tudo. Compus um banco de dados com esses

registros, especificando local, horário, duração e acontecimentos significativos de cada serviço de cafezinho. Após algum tempo (e já se passaram oito anos), não sinto mais desejo de tentar salvaguardar o efêmero das relações estabelecidas em performances. A vida me parece muito mais atrativa. Viver o momento em intensidade e atenção, viver a experiência, plenamente, me interessa mais. Diante de tantas imagens coletadas durante esses anos de criação e serviço de cafezinhos, nas ruas, o que mais posso desejar? Mais “simulacros” do vivido? Mais imagens para levar para o circuito da arte? O que mais me interessa, atualmente, enquanto artista e homem comum, nesse tipo de proposta, é viver a experiência, no aqui e no agora da performance, sem a preocupação com o melhor ângulo, o enquadramento total nem a luz perfeita para o clique fotográfico. Além disso, é notório que a presença da câmera, ali, é sempre um complicador na busca da espontaneidade na relação com o outro. A partir de agora, o cafezinho é muito mais vida do que arte, vida vivida nas ruas, sem cortes nem edição, vida real (?).

Proponho que todo e qualquer registro em imagens (vídeo e/ou fotografia), desse momento, fique num segundo plano de análise ou deixe, simplesmente, de existir uma vez que considero as subjetividades reveladas durante o encontro como principal elemento da minha ação. Questionamentos: como salvaguardar algo tão precioso e íntimo, que são as histórias sobre nossas vidas, amores, profissões, expectativas, segredos etc. sem ser invasivo, sem perder de vista o caráter confidencial das conversas ocorridas durante o cafezinho? Como escrever sobre essa ação tão próxima da arte e da vida? Segundo a Profa. Maria Beatriz de Medeiros “só seria possível falar em arte a partir de sua essência, isto é, como poesia. Poesia, momento da linguagem no qual o finito é aberto para o infinito, como afirma Valéry para as artes visuais.” (10)

A partir das reflexões sobre as fronteiras entre a arte e a vida, decidi teorizar sobre minha prática com o cafezinho através de *papers*, notas, ensaios etc. Da mesma maneira, tenho utilizado a função poética da linguagem, conjugando realidade e ficção (autoficção), para reescrever algumas histórias vividas durante os encontros regados à cafeína. Como já declarou o cientista social Eduardo Giannetti, no documentário *Horizonte Flutuante* “O eu, no fundo, é uma peça de ficção” (11). E por que não fazer autoficção e ficção a respeito do outro para narrar essas histórias?

O biógrafo quase invariavelmente escreve sobre o objeto de seu estudo na terceira pessoa, enquanto o narrador da vida geralmente emprega a primeira pessoa. Certamente, há narradores autobiográficos que apresentam seus sujeitos na segunda e / ou terceira pessoa. (SMITH; WATSON, 2001, p. 23) (tradução nossa) (12)

Caro amigo ZMário, como você observou, mesmo que já não ocorram registros em imagens, provas cabais do vivido, o que tende a persistir na memória daqueles que, nas ruas, provam o cafezinho são as relações estabelecidas, a afetividade tecida a cada encontro. Logo, tudo seguirá reverberando como fragmentos do efêmero transmutados em poesia cotidiana e experimental.

Durante o serviço do cafezinho, sempre escuto: – O que é isto? É um cafezinho beneficente? Logo decido responder poeticamente, recriando histórias sobre o surgimento do café enquanto performance. Há aqueles que oferecem moedas de R\$ 1,00. Às vezes, se apresentam junto à borra do café, um cara e um coroa. Eles falam de doenças da idade e trocam receitas de efeito placebo; outros falam de dores do amor e do mundo da arte. Uma vovó passa com a netinha e solicita uma chávena de café com adoçante. Um senhor o compara ao bom chá japonês, banchá, e o intitula Zen Café.

O cafezinho já foi servido no parque de um museu. Um amigo, Arthur Scovino, levou sua vitrolinha e os elepês de Gal para passear junto ao café, que ficou pronto no tempo do “Vapor Barato”, barato total. O *Cafezinho do Zé* deve ser servido nas ruas, praças, ladeiras. Em tão poucos lugares fechados, se fechou. Não cabe, nunca coube, em sua totalidade. O café não é do Zé, é da rua! Está fora do museu, da galeria, da despensa e do armário. É de quem chegar para atijar a conversa, fazer borbulhas na mente coletiva, tomar a arte para construção de uma outra obra: efêmera, café de efemérides. O artista fala por si. O da rua fala por ele mesmo. A obra, em composição urbana polifônica, fala por todos.

Pensamentos em ebulição tomam forma de versos escandidos pela métrica do gole a gole. Gargalhadas desmedidas em colheradas de pó de café, de cristais de açúcar refinado, demerara, orgânico. Durante tantas horas de conversas, nas ruas, linhas e círculos de borra de café são traçados em sobreposições, volutas e contravolutas. Café minimalista, barroco, esquizoanalítico. O doce-amargo do café é provado numa

xícara dividida com o outro. Às vezes, com cigarro, na hora do *rush*, no tempo de um racha. Os carros param. Um motociclista também já parou. Abastecidos de cafeína – $C_8H_{10}N_4O_2$ –, seguiram a reta.

Asa de xícara quebra, bico de bule quebra, pires quebra, também. Nada é restaurado. Os utensílios do café não são capitalizados como *fétiche* do mundo da arte. O bule da performance “Garçon”, 1976, de Chris Burden, está em alta no mercado – o que a venda de cafezinhos nunca (a)pagará. Para quê? Para quem? Quanto vale? Vale cafezinho! Café *delivery*, *free*, na encruzilhada das ruas sujas. O cafezinho não se transmuta em mate de coca ou chá de boldo para ser trocado por confidências, segredos ou memórias. Quando o aroma penetra as narinas e toma o corpo inteiro, fala quem quer falar. A língua cala e aprecia.

Amigo, por favor, tire sua porcelana francesa do museu e vamos passear com meu cafezinho nas ruas. Tenho apenas o café. No truque da venda informal, em Salvador e em Bogotá, carrinhos fuleiros de cafezinho passeiam. Nas xícaras também já foram servidos: vinho; água; vodca; Coca-Cola; chá; suco – tudo isso também é café. O “Café sem açúcar” (monólogo performático) é exceção. Foi tomado durante muita conversa para justificar que não gosto de café amargo.

De olhos vendados, enquanto a água fervia e tomava a cor do café, caminhei por entre xícaras em busca do ponto de ebulição no encontro com o outro. Vinte minutos cronometrados por uma lebre lerda em um país de maravilhas: país tropical, onde uma tocha olímpica atravessa rios de lama e baías de clorofórmios fecais para atear fogo ao CSP Circo dos Sem Pães. Um café de vinte minutos é mais gostoso na galeria ou na “padoca”? As horas são intermináveis quando a conversa é amarga e as gentes frias. Conversa morna ainda desce.

Durante a XX Bienal Internacional de Curitiba-PR, 2013, o café ficou meio morno, mas a conversa estava quente. O fazedor de cafezinho trocava dicas profissionais com uma artista fotógrafa, diarista dos serviços domésticos. Enquanto um serve café na praça, o outro atua como funcionário público, a outra limpa banheiros à espera da melhor luz. Esses nossos eus provando outras maneiras de ser e estar no mundo. Criar rostos diversos para manter a obra viva, em pleno exercício de liberdade. Mãe de santo *hacker* também é rosto: a santidade *rostificada* em primeiro plano (13).

Jogar búzios e abrir um *tarot* é como tomar um cafezinho à espera do dia seguinte. É um café tragado para aplacar a ansiedade, embora intensifique ainda mais a sede de cafeína. O que sobra é a borra, onde o futuro se revela: imagens de peixes, unicórnios, gramofones e libélulas aparecem no fundo da xícara de porcelana. Na caneca de esmalte da vovozinha, a borra costuma tomar forma de açude, carcaça de bicho, mandacaru e prato de farinha com carne seca.

Quantas xícaras de café um homem branco, heterossexual, adulto, rico, pós-graduado, consome por dia? E uma mulher negra, homossexual, adolescente, pobre e analfabeta (no nordeste brasileiro)? Café com leite é luxo. Não se toma em tempos de vacas magras. Logo, há protesto! O manifesto do café doce-amargo tem para todos os gostos. Primeiramente: Fora, Baristas! Secundamente: Não à glamorização do cafezinho! Não à customização da performance! O cafezinho é encontrado em todas as casas de gente comum. É aquele do boteco. Às vezes, sai uma média, um pingado. Cada um sabe quanto custa um cafezinho nessa vida.

E, finalmente, respondendo à pergunta tão recorrente na nossa troca de correspondências: o cafezinho, para mim, é também arte do encontro. O cafezinho é nosso poema brasileiro de cada dia.

Até o próximo bom encontro, prezado ZMário.

Forte abraço,

Zé do Cafezinho.

Notas

¹ O presente texto foi apresentado, inicialmente, como produto para avaliação parcial na disciplina “Entre realidades e ficções: teatro, cinema e suas encenações”, ministrada pelas professoras Luciana Hartmann e Roberta K. Matsumoto, no primeiro semestre de 2016, no Programa de Pós-Graduação em Arte PPG-Arte da Universidade de Brasília UnB. Zé do Cafezinho é um heterônimo performático. Surgiu não como um personagem, uma vez que dados biográficos, fatos verídicos e situações ficcionais foram mesclados na construção de mais uma ação performática. Zé do Cafezinho é mais um “Zé”, um quase anônimo, um sujeito qualquer, ordinário, sem atributos, assim como o Seo Antônio Ninguém, do poeta Manoel de Barros. Um quase sem voz, mas “todo ouvidos”. O Zé do Cafezinho possui, apenas, suas garrafas térmicas repletas de café para ser distribuído gratuitamente em lugar específico: a Rodoviária do Plano Piloto de Brasília-DF. Componente da série *Delineando a Encruzilhada, 2015-2016, Zé do Cafezinho* é uma ação/performance surgida após meu ingresso no curso de doutorado em artes visuais, uma ação pensada como *site-specific*, onde foi possível, durante seis meses (uma vez a cada mês, entre uma e três horas, a cada serviço de cafezinho), de janeiro a junho de 2016, vivenciar a dinâmica e os fluxos de lugar tão peculiar à paisagem de uma cidade brasileira: a rodoviária. Das idas e vindas ao lugar que denominei, no contexto dessa pesquisa, como “Grande Encruzilhada” (geográfica), outras encruzilhadas (epistemológicas) foram problematizadas: o eu X o outro; o cubo branco X a rua; a interação X a iteração, e, também, registro X abandono do registro. Nessa proposta, especificamente,

comecei a repensar a presença do fotógrafo/*videomaker* como aquele que, de certa maneira, “inter-fere”, “interrompe”, se “inter-põe”, com sua câmera em punho, a/na aproximação ao outro, em performances de rua, até, por fim, abandonar os registros em fotografias e vídeo na ação com o cafezinho. Em outro momento da minha pesquisa sobre a arte performance, durante o mestrado defendido em 2007, as relações entre sujeito e objeto, o *performer* enquanto aquele que assume essas duas posições no seu pesquisar e fazer, na arte-vida, foram problematizadas a partir de uma entrevista performática a mim mesmo. Utilizando um gravador e o mesmo questionário aplicado aos demais colegas performáticos, me “desdobrei” ora como o pesquisador-entrevistador, ora como o entrevistado-artista, numa entrevista gravada e, posteriormente, anexada em formato de mídia digital (mini CD) à dissertação impressa.

² Parafraseando Carlos Drummond de Andrade, em *Poema de Sete Faces*: “Quando nasci, um anjo torto desses que vivem na sombra disse: Vai, Carlos! Ser *gauche* na vida [...]”. (ANDRADE, 1988). CAFEZINHO, Zé. *A Arte-vida de Zé Cafezinho de Igatu*: uma estória feita de café e água boa. Salvador: Editora Esquizo, 2014. *Tumblr* da editora independente Esquizo. Disponível em: <http://editoraesquizo.tumblr.com/post/76966616109/a-arte-vida-de-z%C3%A9-cafezinho-de-igatu-uma-est%C3%B3ria>. Acesso em: 16 maio 2018.

A vila de Igatu é um distrito do município de Andaraí, na Chapada Diamantina, Bahia.

³ *TÃO LONGE, TÃO PERTO*. YOUTUBE. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NFmnoabVJEL>. Acesso em: 16 maio 2018.

⁴ O autor trata da mudança da percepção do artista dito engajado frente a esse “outro”, público da arte, que, inicialmente, percebido a partir de relações econômicas estabelecidas, passa a ser convocado a partir de atributos identitários, sua identidade cultural – “o outro cultural e/ou étnico”. Daí se segue, também, as distinções de como é visto o outro, colega artista – como um de nós – e o outro na/da rua, de origem bem diversa à nossa (transeunte, passante, cidadão, proletariado etc.). O artista, nesse caso, e a partir desse novo paradigma, é aquele que propõe, descreve e analisa as ações junto a esse outro numa perspectiva etnográfica. O artista como etnógrafo, segundo Foster.

⁵ BRITES, Mariana; MEDEIROS, Maria Beatriz de. Arte e Política: Rua, Grupo e Terrorismo Poético. In: *eRevista Performatus*. Inhumas, ano 5, n. 17, jan. 2017. Disponível em: <http://performatus.net/estudos/arte-e-politica/>. Acesso em: 16 maio 2018.

⁶ CABANNE, Pierre. *Marcel Duchamp: engenheiro do tempo perdido*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

⁷ Numa referência à análise crítica de Llana Feldman sobre o documentário *Santiago*, 2007, de João Moreira Salles, quando o diretor joga com o revelar ou escamotear elementos presentes na narrativa que levam à construção da identidade do personagem principal/homem comum, Santiago “(...) ‘E no fim, quando Santiago tentou falar do que lhe era mais íntimo, eu não liguei a câmera’, nos diz o narrador –, esquivando-se estrategicamente, ainda que também autoritariamente, da revelação de um segredo que, possivelmente, conferiria ao ex-mordomo uma verdade e uma identidade inescapáveis” (FELDMAN, 2010, p. 162).

⁸ Zé do Cafezinho. Perfil em rede social Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/profile.php?id=100010201420710>. Acesso em 23 jan. 2017.

⁹ BOURRIAUD, Nicolas. *Estética Relacional*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora, 2008.

¹⁰ MEDEIROS, Maria Beatriz de. *Aisthesis: estética, educação e comunidades*. Chapecó: Argos, 2005.

¹¹ Documentário de Vicente Moreno. *Horizonte Flutuante*. 2011. Disponível em: <https://vimeo.com/106268241>. Acesso em: 22 jul. 2016.

¹² “The biographer almost invariably writes about the object of his or her study in the third person, while the life narrator usually employs the first person. Certainly, there are autobiographical narrators that present their subjects in the second and/or third person” (SMITH; WATSON, 2001, p. 23).

¹³ Mãe de santo *hacker* numa referência à Mãe Beth de Oxum, Maria Elizabeth Santiago de Oliveira, líder comunitária pernambucana que tem educado utilizando conhecimentos das religiões afro-brasileiras associados ao uso da tecnologia suportada por *softwares* livres. *Rostificação* – conceito desenvolvido por DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix, presente em *Mil Platôs v. 3* (1996) e *A Imagem-Movimento*, do qual destaco esta passagem: “O rosto é esta placa nervosa porta-órgãos que sacrificou o essencial de sua mobilidade global, e que recolhe e exprime ao ar livre todo tipo de pequenos movimentos locais, que o resto do corpo mantém comumente soterrados. E cada vez que descobrimos em algo esses dois pólos – superfície refletora e micromovimentos intensivos – podemos afirmar: esta coisa foi tratada como um rosto, ela foi ‘encarada’, ou melhor, ‘rostificada’, e por sua vez nos encara, nos olha... mesmo se ela não se parece com um rosto (...) não há primeiro plano de rosto, o rosto é em si mesmo primeiro plano, o primeiro plano é por si mesmo rosto, e ambos são o afeto, a imagem-afecção” (DELEUZE, 1983, p. 115).

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.

BARROS, Manoel de. *Poesia Completa*. São Paulo: Leya, 2010, p. 469-470.

BOURRIAUD, Nicolas. *Estética Relacional*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora, 2008.

BRITES, Mariana; MEDEIROS, Maria Beatriz de. Arte e Política: Rua, Grupo e Terrorismo Poético. In: *eRevista Performatus*. Inhumas, ano 5, n. 17, jan. 2017. Disponível em: <http://performatus.net/estudos/arte-e-politica/>. Acesso em: 16 maio 2018.

CABANNE, Pierre. *Marcel Duchamp: engenheiro do tempo perdido*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

CAFÉ SEM AÇUCAR (monólogo performático de ZMário), 2012, Salvador-BA. *II Mostra de Performance da Galeria Cañizares, EBA-UFBA*. Disponível em: <<http://galeriacanizares.blogspot.com.br/2012/05/cafesemacucarcomzmario.html>>.

Acesso em: 21 jul. 2016.

CAFEZINHO, Zé. *A Arte-vida de Zé Cafezinho de Igatu: uma estória feita de café e água boa*. Salvador: Editora Esquizo, 2014. *Tumblr* da editora independente Esquizo. Disponível em: <http://editoraesquizo.tumblr.com/post/76966616109/a-arte-vida-de-z%C3%A9-cafezinho-de-igatu-uma-est%C3%B3ria>. Acesso em: 16 maio 2018.

DELEUZE, Gilles. *A imagem-movimento*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 3. São Paulo: Ed. 34, 1996.

FELDMAN, Ilana. Na contramão do confessional: o ensaísmo em Santiago, Jogo de cena e Pan-Cinema Permanente. In: MIGLIORIN, C. (org.). *Ensaio no Real – o documentário brasileiro hoje*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2010. p. 162.

FOSTER, Hal. O artista como etnógrafo. In: *O retorno do Real*. São Paulo: Cosac Naify, 2014, p. 161.

HORIZONTE FLUTUANTE. Documentário dirigido por Vicente Moreno. Disponível em: <<https://vimeo.com/106268241>>. Acesso em: 22 jul. 2016.

JURAÇU. *VIMEO*. Disponível em: <https://vimeo.com/172044717>. Acesso em: 16 maio 2018.

MEDEIROS, Maria Beatriz de. *Aistheisis: estética, educação e comunidades*. Chapecó: Argos, 2005.

SALOMÃO, Waly. *Algaravias: câmara de ecos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

SMITH, Sidonie; WATSON, Julia. Life Narrative: Definitions and Distinctions. In: _____. *Reading autobiography: a guide for interpreting life narratives*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2001. cap. 1, p. 18-31. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/110050427/Sidonie-Smith-and-Julia-Watson-Reading-Autobiography>>. Acesso em: 11 jul. 2018.

TÃO LONGE, TÃO PERTO. *YOUTUBE*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NFmnoabVJEI>. Acesso em: 16 maio 2018.

ZÉ DO CAFEZINHO. Perfil no Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/profile.php?id=100010201420710>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

José Mário Peixoto Santos – ZMário

Artista visual, performático e pesquisador da arte da performance (bolsista CAPES). Mestre em Artes Visuais (Teoria e História da Arte) pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais PPGAV da Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia UFBA. Doutorando em Poéticas Contemporâneas pelo Programa de Pós-Graduação em Arte PPG-Arte da Universidade de Brasília UnB, onde pesquisa performances de rua sob a orientação da Profa. Maria Beatriz de Medeiros. E-mail: cafecomzmario@gmail.com